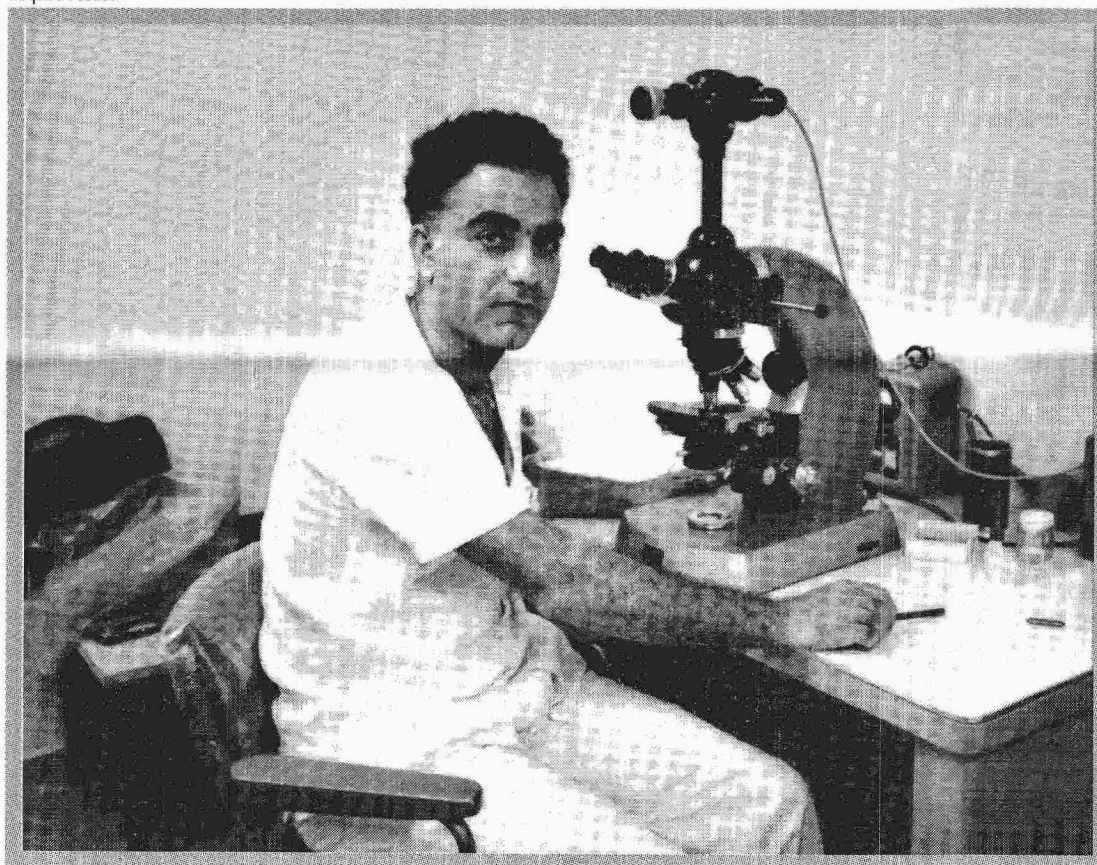


# Quarenta e dois anos de dedicação à medicina na capital

Arquivo Público



**MIZIARA SE DEDICOU DE CORPO E ALMA AO HOSPITAL DE BASE. AJUDOU TAMBÉM NA IMPLANTAÇÃO DO IML DE BRASÍLIA**

**RAQUEL FLORES GARCIA**

ESPECIAL PARA O CORREIO

Por causa da especialidade que escolheu, ele convive de perto com a morte há mais de 40 anos e diz ter vontade de ser cremado depois da própria. Mas, se fizerem autópsia, revela o último desejo: deixar o coração no Hospital de Base. “O hospital sempre foi a minha vida. Eu o dividi com a minha família”, afirma o médico patologista Hélcio Luiz Miziara, 69 anos, 42 anos dedicados ao antigo Distrital, hoje Hospital de Base. Em 2004, vai ser obrigado a se aposentar por causa da idade, não sem antes deixar como legado um memorial do serviço de anatomia patológica cujo arquivo fotográfico, segundo ele, reúne 27 mil slides.

Aprovado efetivamente para a Fundação Hospitalar do Distrito Federal em 24 de janeiro de 1961, este paulista de São José do Rio Preto se declara apaixonado por Brasília e garante que já comprou muitas brigas pela cidade. Uma delas, por exemplo, envolveu a morte do deputado Luís Eduardo Magalhães, de quem Miziara conta que retirou o coração “para provar que ele teria morrido devido a um infarto no miocárdio e não por um erro médico, como teriam dito”, lembra. Na morte de Tancredo Neves, o pioneiro, autor do diagnóstico do ex-presidente da República, também saiu em defesa de Brasília. “Ele jamais morreu de infecção hospitalar”, assegura.

Mas nem sempre foi assim,

aquele que hoje defende a cidade com unhas e dentes um dia não quis nem conhecê-la. No final de 1960, Miziara tinha voltado recentemente da residência médica nos Estados Unidos quando ouviu notícias da inauguração de Brasília. “Não quero nem saber”, diria, na época, o fiel seguidor de Carlos Lacerda. “Se ele era contra o governo, eu tava contra”, completa. O jovem médico, formado na tradicional Universidade do Brasil, queria mesmo era ficar no Rio de Janeiro. Vontade que mudou depois de uma conversa com um colega que havia sido convidado para montar a Anatomia Patológica na nova capital.

Miziara recorda-se bem da ce-

na: “Era uma tarde de sábado do mês de dezembro e eu estava triste, chateado, porque estava difícil ficar no Rio de Janeiro e fui conversar com meu grande amigo, professor Domingos de Paola. Já estava no elevador quando ele me disse que gostaria que eu trabalhasse com ele em Brasília”. Cheio de planos e com o sonho de ser professor catedrático, respondeu ao colega que “para aquele mato não iria de jeito nenhum”. No entanto, segundo Miziara, quando o amigo descreveu o plano hospitalar de Brasília, mudou imediatamente de idéia e exultou: “É isso que eu quero!”

Animado com a possibilidade de desenvolver em Brasília um

projeto de vida, escreveu para o cirurgião Carlos Ramos, que já estava trabalhando na cidade, e foi informado de que a contratação seria feita por meio de concurso. A notícia empolgou Miziara mais ainda: “Não queria pedir favor a ninguém”. Mandou, portanto, o currículo, que concorreu com os de mais dois candidatos. A comissão de credenciais, formada por seis colegas, optou pelo nome dele. Quando o tio João Baduí Miziara, dono do então Hotel Belveder, no Núcleo Bandeirante, soube que o sobrinho havia sido aprovado no concurso, convidou-o para ir morar com ele. O mais novo habitante de Brasília ficou residindo com o parente até encontrar o co-

lega Demóstenes Rio Branco, que morava em um apartamento de dois quartos na 104 Sul. Na comercial da quadra funcionava o restaurante Lindóia, onde hoje se localiza o Carpe Diem.

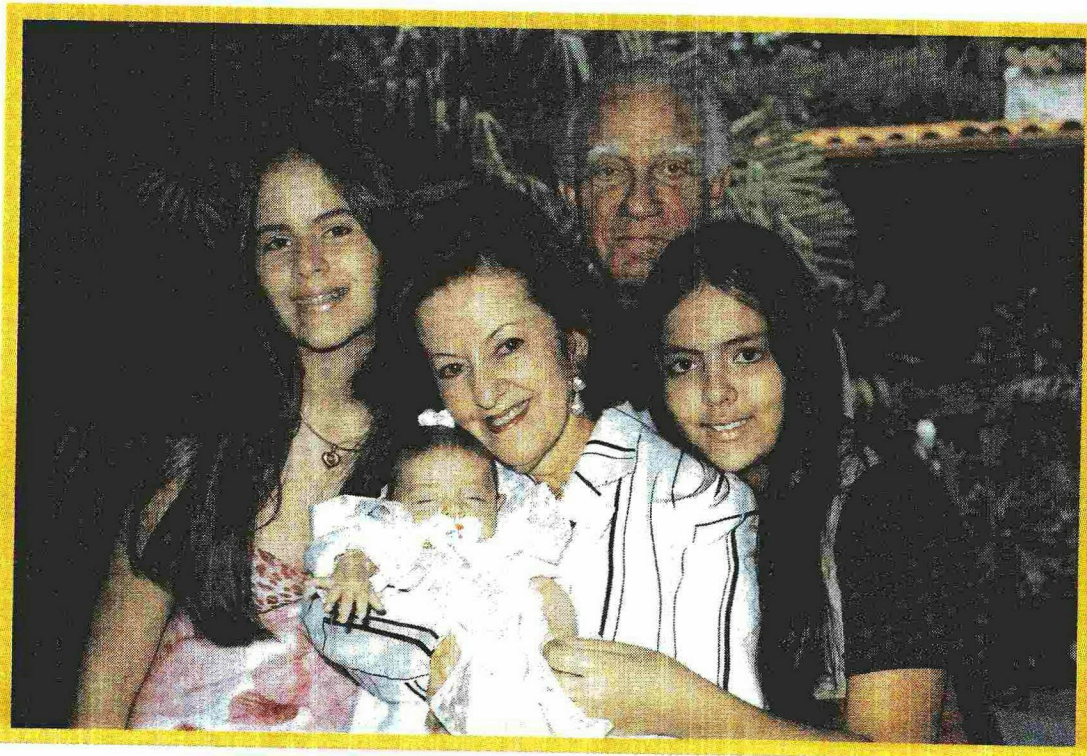
Foi nessa época que aconteceu “um fato notável”, classifica Miziara. Um primo de Demóstenes saiu de Mato Grosso e pediu para ir morar com eles. O pioneiro logo reparou que o rapaz era um artista, desenhava bem, e ofereceu emprego a ele como técnico de laboratório. A oferta vinha ao encontro do propósito que Miziara havia firmado consigo mesmo, de formar mão-de-obra local para retribuir à cidade a oportunidade de “ganhar um serviço que o pessoal do Rio e de São Paulo lutava anos para conseguir”. O tal primo, curiosamente, era ninguém mais nem menos do que o cantor Ney Matogrosso.

O compromisso de preparar profissionais para trabalhar com ele no hospital resultou, segundo Miziara, na formação de 50 médicos distribuídos pelo Brasil afora e mais de cem técnicos e auxiliares de laboratório. Graças a essa filosofia de trabalho, em 1966, formou-se no hospital a primeira residente em Anatomia Patológica, Valdete Cabral Moraes, médica uberabense que Miziara considera como uma herdeira. “Em questão de amor ao hospital, ela compete comigo”, garante o precursor da especialidade em Brasília, que se ressentia de ter sido muito criticado por barrar



# Apesar de fiel seguidor de Carlos Lacerda, Hércio decidiu vir para a nova capital atraído pelo projeto hospitalar proposto para Brasília

**MIZIARA SEMPRE  
DIVIDIU A VIDA  
ENTRE A MEDICINA E  
A FAMÍLIA**



a entrada de determinados colegas no serviço. “Eu queria pessoas que amassem o hospital e não simplesmente recebessem o salário e fossem embora”, defende-se o paladino da profissão.

Em 1962, a princípio relutante, Miziara acabou aceitando o convite do legista João José Comini para ajudá-lo em mais uma missão: implantar o Instituto Médico Legal (IML). “Aceitei o desafio porque o Comini acenava com a possibilidade de fazer um bom trabalho”, justifica. Foi nesse mesmo ano que Miziara já havia conseguido inaugurar o laboratório de Anatomia Patológica do Distrital, “um projeto muito bonito, cheio de bossa”. Um feito memorável depois de ter realizado 91 autópsias durante um ano, “em uma mesa improvisada”, contabiliza, deixando entrever certo orgulho.

Improvisação, por sinal, era a tônica de um tempo em que falecia muita gente sem família na cidade e que precisava ser enterrada. “Às vezes tínhamos que pedir pelo amor de Deus ao cemitério. Chegamos até a fazer um mutirão com a Novacap para abrir covas. Uma situação dramática”, lembra Miziara. Na mesma época, outro imprevisto quase causa sérios problemas com a imprensa local. Como não havia incinerador e não podiam ser mandadas para o cemitério, as placentas resultantes do grande número de partos realizados foram enterradas em um local atrás do hospital “onde tudo era mato”, indica Miziara. A solução, porém, foi descoberta quando tratores removeram a terra em função das obras ali executadas, fazendo aparecer algumas placentas ainda em decomposição. “A vantagem disso foi que quando o Sávio Pereira Lima era diretor do hospital e resolveu

fazer o jardim, as pessoas diziam que as árvores cresciam muito rapidamente. Ele olhava pra mim, sorria e dizia que a terra tinha sido muito bem adubada”, conta o autor da idéia.

## Trotes de madrugada

Fatos pitorescos semelhantes ainda povoam a lembrança do patologista pioneiro, como, por exemplo, as inúmeras madrugadas em que foi acordado por trotes de pessoas supostamente em busca de informações sobre procedimentos para sepultar falecidos. “Ligavam para a minha casa meia-noite, uma da manhã, e pediam para falar com o doutor miséria porque precisavam enterrar o cachorro”, exemplifica Miziara. Cabreiro com tais ligações, certa ocasião por pouco não deu uma resposta malcriada a um deputado que havia telefonado para se informar a respeito do sepultamento de uma empregada.

A dedicação extrema levava Miziara a se reunir religiosamente nas manhãs de sábado para discutir a administração do hospital e assuntos de caráter científico. “Lá dentro havia dois grupos que brigavam entre si, mas, quando era para defender o hospital, se uniam com um sentimento de

“**FIRMEI UM ACORDO COMIGO MESMO DE FORMAR MÃO-DE-OBRA LOCAL PARA RETRIBUIR À CIDADE A OPORTUNIDADE QUE TIVE DE GANHAR UM SERVIÇO QUE O PESSOAL DO RIO E DE SÃO PAULO LUTAVA ANOS PARA CONSEGUIR**”

irmandade impressionante”, relembra. À tarde, porém, Miziara trocava o jaleco pela chuteira para outro compromisso sagrado: jogar futebol no late Clube ou no Cota Mil. “Era uma festa, nós ficávamos ansiosos pelo sábado à tarde”, confessa. Quando ainda era solteiro, reservava as noites de sábado para ir à Chez Ville, “uma boate famosa de um casal de franceses que funcionava ali na 508 Sul, abaixo da telefônica”, situa. Em dias de semana, após o expediente no hospital, o programa noturno era quase sempre ir aos cines Brasília e Cultura.

Hoje, praticamente às vésperas de se aposentar, Miziara não se intimida com a compulsória. Ao contrário, quer continuar trabalhando na formação de mão-de-obra especializada e realizar um sonho: preparar técnicos de laboratório por meio de um curso que seja reconhecido pelo MEC. “Não existe escola oficial no Brasil”, justifica. Enquanto o sonho não vira realidade, Miziara, primeiro médico de Brasília a ter sido convidado para dar aula na UnB, em 1966, procura fazer um serviço que também atenda à vida universitária. “O hospital me ensinou, é isso que eu quero que os alunos digam”, conclui.

## Raio X

**Nome:** Hércio Luiz Miziara  
**Idade:** 69 anos  
**Origem:** São José do Rio Preto, São Paulo  
**Profissão:** Médico patologista  
**Estado civil:** casado  
Dois filhos e cinco netos, “todos corintianos”  
**Ano de chegada a Brasília:** 1961  
**Títulos:** Montou o laboratório de Anatomia Patológica do Hospital de Base, antigo Distrital. Foi convidado para ajudar na implantação do Instituto Médico Legal (IML). Primeiro médico de Brasília a ser convidado para ser professor da UnB